



ROIG, M. La mirada tuerta. In: **Dime que me quieres aunque sea mentira**. Barcelona: Ediciones Península, 2001. p. 81.

A AUTORIA FEMININA E AS IMAGENS DA MULHER NO MUNDO LITERÁRIO

Bruna dos Santos Caetano¹
Universidade Federal de Alfenas
(brunacaetano10@hotmail.com)
Apoio SESU/MEC – Programa de Educação Tutorial

Autora de romances, contos e ensaios, Montserrat Roig se destaca entre as escritoras espanholas do século XX, atuando não só como escritora, mas também como entrevistadora em programas de televisão. De acordo com Silva (2017, p.29), após vivenciar a ditadura franquista, Roig “[...] inicia seu trabalho intelectual, que se assenta durante o fim da ditadura, assumindo força maior no período de transição do regime democrático”.

Diante de sua gama de escritos, como “*La hora violeta*” (1980), “*Ramona, adiós*” (1972) e “*La ópera cotidiana*” (1982), o ensaio “*La mirada tuerta*”, objeto desta resenha, foi publicado em 1991, no livro “*Dime que me quieres aunque sea mentira: sobre el placer solitario de escribir y el vicio compartido de leer*”, pouco antes de sua morte. O ensaio, além de tratar de questões relacionadas à crítica literária feminista, reflete sobre as imagens femininas construídas ao longo do tempo e a possibilidade de reconstruir e refutar essas representações por meio de um novo olhar.

Dividido em dois blocos, o primeiro, intitulado *El Uno y La Otra*, apresenta as representações/imagens da mulher criadas pelo homem, sendo ele o “*uno*”, o ser que criou a “*otra*”. Baseada em dicotomias, a perspectiva masculina da mulher inferioriza, oprime e demoniza aquela que tem voz própria. Dessa forma, a figura feminina é destinada somente aos cuidados domésticos e à reprodução – e não criação – de obras artísticas. Contudo, nas palavras da autora, “*las feministas hemos hecho tambalearse el orden del mundo, la racional estabilidad que daba apariencia de armonía a la relación sexual*” (ROIG, 2001, p. 84), harmonia essa baseada na invisibilidade da mulher, submetida ao espaço privado do lar, conforme discutido por Perrot (2007)².

Dando continuidade à reflexão, Roig (2001) apresenta o nascimento e o desenvolvimento da mulher como escritora, capaz de construir e reconstruir sua imagem por meio da literatura. Agora a escritora fala, não é falada, tem voz própria e já não reproduz as imagens produzidas pelo “*uno*”, que agora passa a ser “*otro*”.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Atua como bolsista do grupo PET/Conexões de Saberes – Letras.

² Partindo da necessidade de se construir uma história das mulheres, Perrot, em *Minha História das Mulheres* (2007), problematiza e discute as representações das mulheres e os espaços ocupados por elas ao longo da história. No decorrer da obra, a autora trata de questões como o corpo, a alma, a maternidade e o silêncio femininos.



Conforme bem dito pela autora, “la imagen que nos devuelve el espejo, ese espejo tan citado en los textos de mujeres, ya no es la que el Uno se inventó, quién sabe si en un largo arranque de celos, sino nuestra própria imagen, o la que imaginamos es nuestra propia imagen” (ROIG, 2001, p. 93).

Ainda sobre a autoria feminina, a autora desconstrói estereótipos em torno da escrita da mulher – ação mais do que necessária para a crítica literária feminista. A inexistência de um modelo de autoria feminina é um deles. A linguagem de uma mulher não é estritamente descritiva, sensível ou repleta de adjetivações, uma vez que o processo de escrita envolve individualidade e subjetividade – questões que rodeiam tanto a escrita masculina quanto a feminina. Além disso, outra crítica levantada se relaciona à concepção descabida de que a escrita da mulher é frequentemente biográfica. Apoiando-se na fala de Ernesto Sábató, Roig (2001, p. 104) afirma que o melhor escritor é aquele que oferece “el testimonio de si mismo, del mundo donde vive y de la condición humana, de su tiempo y de su circunstancia”. Tal afirmação parece convergir com o pensamento bakhtiniano de que o autor revela, por meio da escrita, seu tempo e o momento histórico em que está inserido. Nas palavras do autor,

[...] o campo de representação do mundo modifica-se segundo os gêneros e as épocas de desenvolvimento da literatura. Ele é organizado de maneiras diferentes e limitado de vários modos no espaço e no tempo. Este campo é sempre específico (BAKHTIN, 1998, p. 417).

Sendo assim, a função da crítica literária feminista não é encontrar modelos de escrita, mas reivindicar “el papel de autora en un mundo donde se suponía que el acto creador era solo masculino” (ROIG, 2001, p. 94). Ou seja, reivindicar a presença da mulher no mundo literário, como escritora e criadora de suas próprias imagens. Como afirma Roig (2001, p. 102), “la escritora no mete ruido, sólo quiere tiempo y silencio” e, como diria Virginia Woolf (2014), um teto todo seu.

Na segunda e última parte do ensaio, intitulada *Del ‘ya no’ al ‘todavía no’*, a autora apresenta a nova maneira de enxergar o mundo e a literatura. Um olhar que possibilita a desconstrução de estereótipos, a criação de novas perspectivas e imagens de si e do mundo ao seu redor. A *mirada tuerta* é, segundo a autora, a capacidade de olhar para dentro de si, escutar a própria voz e, ao mesmo tempo, olhar para fora, para o mundo exterior - sem lentes e obstruções. Dessa forma, para Roig (2001, p. 110), “la única manera de no volvernos locas es aprender a mirar em dos direcciones divergentes al mismo tiempo”.

Ademais, no que se refere às formas de representação do mundo por meio da literatura, a autora também questiona a dicotomia do “olhar masculino” e do “olhar feminino” – concepção essa que inferioriza o olhar da mulher -, visto que mulheres e homens enxergam o mesmo em sua subjetividade e individualidade. Como discutido anteriormente, não existe um modelo de escrita da mulher, o que existe é uma tradição literária que abarca diversos estilos literários e inúmeras maneiras de escritura e expressão, o que também ocorre com a escrita dos homens.



Ao fim do ensaio, Roig (2001) afirma que as representações da mulher como indivíduo passivo, idealizado e somente destinado ao ambiente privado do lar ainda são reproduzidas nos meios televisivos e, como se observa nos dias de hoje, também no universo da internet. Contudo, as mulheres podem deixar de observar estas imagens passivamente e, por meio da *mirada tuerta*, são capazes de contestar tais construções sociais. Dessa forma, a *mirada tuerta*, defendida pela autora, é enxergar o mundo exteriormente – em sua realidade - e, ao mesmo tempo, ouvir o eu interior, a própria voz. Em outras palavras, é olhar o mundo como ele é, mas também se enxergar, como mulher, como ser subjetivo e único.

Tendo em vista as questões discutidas pela autora, o ensaio é fundamental para pesquisadores/as da literatura de autoria feminina e da crítica literária feminista, visto que propõe uma visão mais atenta e reflexiva sobre a literatura produzida por mulheres e a forma como ela pode ser enxergada pela crítica literária feminista. Além disso, também é recomendado para aqueles/as que se interessam por questões que envolvem a representatividade da mulher no mundo literário. Com uma linguagem provocadora e instigante, o texto de Roig (2001) traz um novo olhar para o mundo e, dessa forma, contribui consideravelmente na construção de uma visão mais ativa e capaz de mudar as relações de gênero existentes no mundo literário.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernadini. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 417.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

ROIG, M. La mirada tuerta. In: **Dime que me quieres aunque sea mentira**. Barcelona: Ediciones Península, 2001. p. 81.

SILVA, Daniel C. Santos da. **Sons da guerra civil espanhola no canto de Montserrat Roig**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 149f. 2017.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 27/02/2021
Aprovado em: 15/03/2021